



CANTATE · DOMINO  
CANTICVM · NOVVM

SOCIEDADE  
CORAL DE  
L I S B O A

## SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

Foi no Ano Azevo de 1940 que a Sociedade Coral de Lisboa se apresentou ao público, interpretando, por incumbência da Comissão Executiva das Festas do Dujo Centenário, no Acto Solene de Sagres, a Missa Solene de Frederico de Freitas, depois repetida na Festa Missionária realizada na Secção Colonial na Exposição do Mundo Português.

Nos serões Medieval e Manuelino, realizados em espectáculos de gala no Teatro D. Maria II, foram ainda elementos da Sociedade Coral de Lisboa que interpretaram a parte vocal dos respectivos programas.

A Sociedade Coral de Lisboa foi fundada pelo Maestro Frederico de Freitas. Os trabalhos preliminares de organização devem-se a elle e a uma comissão composta pelas Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Elisa de Sousa Pedroso, D. Laura Wake Matiques, D. Ana Bierman de Brito Aranha e D. Consuelo Fernandez de Freitas. Em 1941, no Teatro Nacional de S. Carlos, apresentaram-se a Sociedade Coral de Lisboa pela primeira vez, oficialmente, em três concêrto, com a Magnificat de J. S. Bach e a Missa Solene de Frederico de Freitas.

Desde então a Sociedade Coral de Lisboa, dirigida artisticamente pelo maestro Frederico de Freitas, apresentou em Lisboa em primeira audição integral o «Eliás de Mendelssohn», o «Stabat Mater» de Pergolesi, «O Dilúvio» de Saint-Saëns, fragmentos da «Oratória do Natal» de Bach e, no Porto, além de obras já ouvidas em Lisboa, o «Messias» de Händel.

É justo assinalar, nesta pequena resenha em que tacitamente se joga a vida da Sociedade Coral de Lisboa, o apoio que desde o início tem recebido da Emissora Nacional.

## TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

8 DE DEZEMBRO DE 1944, ÀS 21,45 HORAS

11.º CONCERTO

DA

## SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

### PROGRAMA

#### 1.ª PARTE

MESSIAS (Oratória) .....	HÄNDEL
Orquestra ..... Abertura .....	Orquestra ..... Sinfonia Pastoral
Arioso (Tenor) ..... <i>Povo meu alegrar-vos todos</i>	Recitat. (Soprano) ... <i>Nos arredores vivem os pastores</i>
Ária (Tenor) ..... <i>Todo o vale vai ser alivado</i>	Côro ..... <i>Gloria a Deus</i>
Côro ..... <i>E a glória de Deus Criador</i>	Ária (Soprano) ..... <i>Exultat!</i>
Recitativo e Côro ... <i>Se levat a Boa Nova a São</i>	Recit. e Ária (Sopt.) ... <i>Ária do Bom Pastor</i>
Côro ..... <i>E um menino nos foi dado</i>	Côro ..... <i>Aleluia</i>

Texto português do Prof. MANUEL DE OLIVEIRA

Solistas:

ANA BIERSMAN — Soprano  
GUILHERME KJÖLNER — Tenor

#### 2.ª PARTE

O DILÚVIO (Poema Bíblico) .....	SAINT-SAËNS
Prelúdio: Orquestra (Violino solista Flaviano Rodrigues)	
1.ª Parte: <i>Corrupção do homem — Cólera de Deus — Aliança com Noé</i>	
2.ª Parte: <i>A Arca — O Dilúvio</i>	
3.ª Parte: <i>A Pomba — Salda da Arca — Bênção de Deus</i>	

Solistas:

MARIA JUSTINA PEREIRA — Soprano  
FERNANDO COELHO — Meio-Soprano  
GUILHERME KJÖLNER — Tenor  
DR. SILVA SANTOS — Baixo

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL sob a direcção do Maestro

FREDERICO DE FREITAS



# GEORGE FREDERIC HÄNDEL

(HALLE, 23-II-1685 † LONDRES, 14-4-1759)

# M E S S I A S

A obra assombrosa de George-Friedrich Haendel (ou Georg Frideric Handel, como passou a escrever depois da sua naturalização inglesa) afigura-se-nos ainda mais surpreendente ao considerarmos que uma grande parte dela foi concebida e escrita em condições materiais e espirituais que para o comum das gentes seriam inibidoras do mínimo esforço de criação artística e muito especialmente da criação musical.

Esse gigante da música que sofreu quasi por completo a evolução da música inglesa desde Purcell até à segunda metade do século XIX, era um gigante de corpo e um gigante de alma. No seu tempo chamaram-lhe «o grande urso» (R. Rolland-*Portrait de Haendel*). As suas cóleras eram terríveis; a sua caridade imensa.

Pode parecer um pouco unilateral dizer-se que Haendel foi principalmente um compositor de óperas. Já não parecerá tão estranho que se diga que ele foi um compositor dramático excepcional. As suas oratórias nem sempre são de assunto sacro e mesmo algumas destas foram concebidas primitivamente como obras para a cena. É sabido que as dificuldades postas pelos poderes eclesiásticos foram então o óbice que impedia tais realizações. Considerava-se então que o simples nome *Messias* afixado num cartaz de teatro implicava crime de, pelo menos, falta de respeito intolerável. Assim esta obra foi anunciada primitivamente sob o título «A Sacred Oratorio».

O «*Messias*» sobre textos bíblicos apresentados a Haendel no verão de 1741 por Charles Jennens — um monstro de vaidade que nem sequer fora o autor da escolha dos trechos que mais tarde se pôde atribuir ao seu secretário Pooley — foi composto no espantoso lapso de tempo de 24 dias num período da vida de Haendel em que a sua glória parecia para sempre sepultada nos escombros de mais uma falência. Durante a vida do seu Autor, a obra foi quasi exclusivamente apresentada em espectáculos de beneficência. Só depois da sua morte foi publicada a partitura (1767) cuja composição e instrumentação se finalizara em 14 de Setembro de 1741, tendo-se conservado mais ou menos secreta até Março de 1742.

Convidado a visitar a Irlanda, Haendel veio a estrear o «*Messias*» em Dublin em 13 de Abril de 1742, num concerto cuja receita se destinava à Sociedade de Prisioneiro por Dívidas — em cujo número Haendel esteve várias vezes em risco de cair —, à Enfermaria Gratuita dos Pobres, e ao Hospital Mercer, de Dublin. O anúncio especificava que as senhoras se deviam apresentar «sem crinolines e os cavalheiros sem espada». Uma multidão que não conseguira bilhete comprimiu-se na rua.

A primeira audição foi dada pelos coros de duas catedrais — é de notar que não muito numerosos —, os dois solistas masculinos foram pouco felizes mas os femininos — Mrs. Gibber (Miss Susanna Arne) e a Sign. Avoglio — foram excelentes intérpretes. Quando Mrs. Cibber cantou a célebre ária «*He was despised*» (Foi desprezado...), Delany exclamou: *Womans For this thy sins be forgiven thee*. (Mulher por isto os teus pecados te serão esquecidos).

Sobre o conjunto desta obra magnífica deve relembrar-se a resposta de Haendel a Lord Kinnoul que o felicitava pelo agrado demonstrado pelo público: «*My Lord! I should be sorry if I only entertained them; I wished to make them better*». (Senhor! Ficaria triste se somente vos distraísse; eu queria fazer-vos melhores).

O plano de «*Messias*» é monumental — adjectivo comum a tantas e tantas obras de Haendel. Como ouviremos esta noite apenas a primeira parte da oratória e a «Aleluia», fecho da segunda parte, apenas a esses trechos faremos referência.

A primeira parte que se inicia por uma «Abertura» em mi menor — com um fugato no movimento vivo —, prepara o Advento do Messias e descreve, indirectamente, a Anunciação, o Natal e o Bom Pastor. Em seguida à abertura ou Sinfonia, o tenor canta as profecias de Isaías («Povo meu alegrai-vos todos»).

Passando à tonalidade de mi maior («Todo o vale vai ser alteado...») é-nos descrita a revolução social que o cristianismo vai iniciar. Irrompe então o câoro «E a glória de Deus Criador...» em plena e grandiosa sonoridade.

Depois de vários números o contralto expõe numa ária («Se levas a boa nova a Sião...») precedida do correspondente recitativo («Sabei. Uma virgem conceberá») o mistério da Encarnação. O câoro sobre as palavras do recitativo anterior, manda espalhar a Boa Nova e estendê-la por toda a Judeia.

É chegado o tempo do Natal. Um câoro pastoral («E um menino nos foi dado») anuncia o nascimento do Messias, cujos nomes, entoados em fortes sonoridades como que a ressoarem por todos os cantos do mundo, serão «O Salvador, o Bom Pastor... O Rei da Paz». A este número segue-se a célebre «Pifa» ou sinfonia pastoral em que Haendel teria reproduzido a seu modo a melodia dos «pifferari» pastores calabreses que celebravam na sua linguagem musical simples, o advento do Redentor.

Um soprano descreve o ambiente («Nos arredores viviam os pastores») Os anjos descem dos Céus à terra e entoam o *Gloria in excelsis Deo* (côro com clarins; «Glória a Deus nas Alturas...») Surge agora a célebre ária «Rejoice» («Exultai») confiada ao soprano, num canto muito ornamentado e entusiástico celebrando a vinda do Messias cujo jugo será leve porque a sua lei é a lei do Amor. A «Ária do Bom Pastor» que tem sido confiada só a contralto, contralto e soprano, ou só soprano, será apresentado nesta última forma.

A segunda parte da oratória abre com as cenas trágicas da Paixão do Salvador e termina pela famoso «Alcuias» que em Inglaterra se ouve tradicionalmente de pé desde que o rei Jorge I deu o exemplo ao ouvir este cântico espantoso que fez chorar o seu próprio autor. *Vi os céus perante mim e o próprio Deus em toda a sua grandeza (al did think I did see all Heaven before me, and the Great God Himself)*, disse Haendel.

O «Messias» de Haendel não necessita amplas notas. O seu poder de sugestão resulta tanto da mestria técnica como da fé íntima e robusta de quem a compôs em vinte e quatro dias durante os quais, como ele dizia da composição do «Hallelujah» só Deus poderia dizer ao certo se estava ou não no seu corpo (paráfrase de S. Paulo).

Haendel foi um cosmopolita do período barroco. Educado na severa escola alemã, aprende em Itália a arte da melodia vocal. Em Inglaterra revolve a tradição de Purcell. Como os seus contemporâneos não rezeia servir-se (a prova fê-la Sigmund Spaeth) das obras dos seus colegas (como Corelli, Keyser, Stradella, Pachelbel, Carissimi, Telemann, etc.) mas sempre dando-lhe novos valores e encantos.

Desde que Mozart reinstrumentou a partitura do *Messias* (como várias outras obras de Haendel), um pouco para «vestir à época», um pouco para facilitar a sua execução (dispensando de certo modo o órgão, adicionando-lhes novas partes, etc.), inúmeras versões se têm apresentado, em geral com o fim de equilibrar côros gigantescos, abuso contra o qual já Burney se insurgia. Em geral, como diz J. A. Westrup, apenas se consegue uma «barragem de som» onde Haendel queria simplicidade e clareza. O côro deve pois ser relativamente pouco numeroso e quando se não poder servir de órgão competente é justificável a utilização da versão orquestral de Mozart na parte que remedeia este inconveniente. Para as árias utilizámos geralmente a versão original da orquestra de Haendel.

Devemo-nos sempre lembrar que Haendel nunca reinstrumentou a partitura do «Messias», relativamente escassa de instrumentos, como fez com outras suas obras. A sua intenção especial estava pois perfeitamente definida e não resultava da pobreza de meios da ocasião.

J. B. BLANC DE PORTUGAL

# O DILÚVIO

Texto português do P.<sup>o</sup> CORREIA DA CUNHA

## PRIMEIRA PARTE

Reinava a paz. A Terra dava sempre pão  
E a doçura do mel aos Filhos de Adão.  
Nas tendas o Amor inspirando cantigas,  
No campo o labutar de lindas raparigas.

Até dos Céus  
Anjos de Deus  
Vinham viver ali.

E assim aconteceu que os anjos lá d'Altura  
conheceram o Amor em beijos de ternura;  
E, por mal, só gigantes nasceram dêsse amor.

O Homem caminhava de mal a pior.

O mal cresceu, grassou o vício imundo;  
Por suas más acções o Homem ultrajou Deus  
E Deus se arrependeu de ter criado o mundo.  
Foi então que se ouviu no espaço a Voz de Deus:

Eu vou acabar com a raça  
Dêstes homens Filhos de Adão  
Que por desprezarem a Graça  
Irião ter minha maldição!

Foi o Direito violado  
Foi o Amor profanado;  
Farto estou desta raça má!  
Corpos e almas sem nobreza,  
São covis de grande impureza  
Nem pudor nem honra há já!



Noé ao olhar do Eterno merecia a Graça dos Céus.  
Pois era um varão justo e temente a Deus.  
Disse Deus:

Meu perdão findou já,

Irão ter o castigo para os crimes seus!  
Vai fazer uma Arca alta, larga e comprida,  
Para ti, para os teus.  
E lá farás entrar um casal d'animais  
Que depois transmitam a Vida.  
Sou JEOVÁ — DEUS E SENHOR!  
Contigo e com os teus Eu farei Aliança.  
Sem demora! A justiça implora vingança;  
Aos Maus maldição e horror!

#### SEGUNDA PARTE

Noé logo as ordens do Senhor cumpria.  
E do Céu, por castigo, chovia, chovia.  
E na selva furiosos rugiam leões,  
No mar os vendavais levantavam procelas,  
E p'lo espaço dos Céus ribombavam trovões.  
Apagou-se o Sol e a luz das Estrelas;  
Reino de trevas — Antro de escuridão sem par.

Passara já um mês e a chuva sem parar.  
E as ondas revoltas subindo, subindo...  
E, perante o tremendo castigo de Deus,  
Os homens perdidos lá iam fugindo.  
Bandos negros de corvos pairavam nos Céus.  
E a chuva a cair como d'imensas fontes;  
E surda dos homens ao clamor  
Já cobria a Terra'té os mais altos montes.  
E os uivos e rugidos das feras em furor,  
E o clamor em vão desta humana raça  
Se calaram então como um vento que passa;  
Pois tudo destruíra aquela maldição.

Entretanto a Arca vogava, sem norte,  
A deriva, sulcando aquele mar de morte,  
Aquel'mar de pavor — o mar da escuridão!

#### TERCEIRA PARTE

Mas Deus não se esqueceu do Perdão benfazejo;  
Uma aragem passou doce como um beijo  
Em sinal de que o luto já ia acabar,  
E Noé pôde abrir a janela da Arca  
E um corvo lá foi das mãos do Patriarca  
Para não mais voltar.  
Mais tarde. Ele abriu à Pomba o postigo  
Que a saltitar em vão procura um abrigo;  
E foi talvez por isso que veio ao pôr do Sol.  
Dias depois de novo parte a Pomba Mansa  
Assas abrindo à Luz tal qual o gira-sol.  
A beisa adormece aquêlle mar de bonança,  
No espaço — oiro parece a luz primav'ril,  
Tôda a Terra estremece em benção unvida  
Ao sentir brotar de si seiva de nova vida,  
Qual noiva alegre e feliz com vigor juvenil!

Pela segunda vez voltou a Mensageira  
Trazendo no bico um ramo d'oliveira.  
Então viu Noé a terra a descoberto.  
Sete dias mais tarde, com um rumo incerto,  
Ansiosa a Pombinha para a terra voou,  
Desta vez a Pombinha já não mais voltou.  
E a sorrir a terra, ao sol seu dorso erguia,  
Numa ância de Vida d'Amor e d'Alegria.  
Saiu Noé da Arca e um Altar construiu;  
Imolou a seguir com muita piedade,  
O Sol fez um anel de Luz — sinal d'Amizade;  
E outra vez a Voz do Eterno se ouviu:

Convosco farei Aliança,  
Assim meu amor se compraz  
(Vós e Eu seremos em paz)  
Não quero outra vez a vingança.  
Vá! Vivei e crescei em paz!

Quando virdes no Céu este Arco refulgente,  
Homens, acreditai que é o eterno penhor  
E sinal de perdão e de paz indulgente  
EU SOU JEOVÁ — DEUS D'AMOR!

# CAMILLE SAINT-SAËNS

(1835-1921)

## O DILÚVIO

Em 1840, com cinco anos e meio, Saint-Saëns apresentou-se como pianista executando, de cor, um programa em que se incluíam obras como um concerto de Mozart, uma fuga de Haendel, um prelúdio e fuga de Bach e o concerto em dó menor de Beethoven.

Assim teve o seu primeiro contacto com o público aquêle que Ludovic Blareau viria a definir nestes termos que devem ser tomados com um certo cuidado: «É o Haydn, o Mozart, o Beethoven francês. É um clássico».

Que se dê um ao outro título a Saint-Saëns pouco importa, bastando para o manter na posição que bem lhe cabe de grande músico francês, obras como a sinfonia em dó menor com órgão e *Dalila* no género dramático (aliás concebido primeiro como oratório), e ainda precisamente *O Dilúvio* que hoje se executa integralmente pela Sociedade Coral de Lisboa e Orquestra Sinfónica Nacional sob a direcção de Frederico de Freitas.

A obra vocal não dramática de Saint-Saëns (esta inclui vinte partituras de ópera) é vasta, incluindo, além de *O Dilúvio*, uma missa para quatro vozes e órgão, o salmo *Celi enarrant*, um *Requiem*, uma coleção de vinte motetos, cantatas como *Le Feu Céleste*, *La Gloire de Cornéille*, *The Promised Land*, etc.

*O Dilúvio* a que o seu autor chama epopeia bíblica para solos, coros e grande orquestra foi composto sobre o poema de Louis Gallet que forneceu a Saint-Saëns, grande número de argumentos dramáticos. *O Dilúvio* estreou-se em 5 de Março de 1876 nos concertos de Châtelet, cerca de um ano antes da estreia de *Sauvage* e *Dalila* de que constitui de certo modo como que um percurso no notável encadeamento melódico e sólida construção.

*O Dilúvio* divide-se em três partes precedidas por um prelúdio já bem conhecido do nosso público.

A primeira parte, anunciada pelo prelúdio construído sobre dois temas dos quais o segundo exposto por um violino solista caracteriza a pureza do homem das primeiras idades, é ainda tripartida: «Corrupção do homem», motivo da cêlera de Deus — «Eu vou acabar com a raça destes homens filhos de Adão, tema de Noé (a Aliança): «Ele era um homem justo e temente a Deus».

A orquestra reduz-se aos arcos. Os coros exprimem a indignação do Criador.

A segunda parte: «A arca; o dilúvio» emprega uma orquestra aumentada com extraordinárias exigências como certos tipos de trombones e cornetas recém-criados ao tempo da composição e que depois se vieram a abandonar. A parte vocal é um recitativo dramático aterrorizado mas nobre.

Na terceira parte onde se destaca o trabalho do quarteto solista a par da grandiosa fuga a cargo do coro, compreende as epígrafes: «A pomba; saída da arca; a bênção de Deus».

A orquestra reduz-se agora às proporções normais; o quarteto de solistas vai cedendo lugar ao coro que na fuga canta a aliança de Deus com os homens a quem concede o perdão anunciando-se como «Jeovah, o Deus de amor».

JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

## SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

África Cabral	Alino Manuel Baptista de Abreu
Alice da Luz e Silva de Freitas	Alvaro António da Silva
Alice Mendes Magalhães	Anímino Pais Moreira
Alice Rebelo	António Pacheco
Ami Bierman de Brito Atanhu	Artur Neves
Beatriz Vasco Pinheiro Santos	Bernardino da Rocha Pereira
Bertha Blanc de Portugal	Carlos Charrie Pinto Mourão
Bertha Borges	Carlos José Rodrigues
Bertha Castelo Branco Cardoso	Carlos Pedreira de Brito
Consuelo Fernandez de Freitas	Carlos Teófilo de Azevedo
Elvira Manuela Fernandez de Freitas	César Viana
Ena Bresolin	Eduardo Freire
Ena Diniz Gonçalves	Fernando de Almeida
Emília Vilar	Francisco José Gouveia Pedro
Fernanda Coelho	Dr. Francisco Loureiro Diniz
Filomena Arer Fernandez Cabrera	Dr. Francisco Serrano da Silva
Guilma Sanchez de Miranda	Gaspard Bastos Coelho
Ida Luz	Helder Suzena Chaves
Isabel Pêgo Bergström	Jaime da Silva
Isabel Rebelo	João Carlos Teixeira
Júlia Melhado	João Nogueira
Júlia Passalunha	João Pedro de Freitas Branco
Julietta Boavista Silva Santos	João Pinto Basto de Sousa
Laura Cordeiro	Dr. João Silva Santos
Lia Stella	Joaquim Rêgo Marçal
Martha Thomas	Jorge Medeiros
Maria Blanc de Portugal	D. José Blanc de Portugal
Maria Carlota Andrade	José Alves Pacheco
Maria Cavaleiro Assenso	José Condessa
Maria Clementina Ruella	José Freixo Boavista
Maria Estrela Monteiro	José Joaquim Ribeiro
Maria Germana Medeiros	José de Oliveira Campos
Maria Helena Rodrigues Costa	José Teixeira Lopes
Maria Helena Simões Pereira	Manuel Eugénio Machado Macedo
Maria Helena Soares de Andrade	Manuel Gonzaga
Maria Ilídia Valente	Manuel do Vale Costa
Maria Justina Pereira	Martiano Mendonça
Maria Lina Oliveira Pereira	Mário Simões
Maria Lucinda Cardoso	Nuno Tóres Coláço
Maria Luiza Vicini Lisboa	Orlando Cazepe
Maria da Luz Wass de Andrade	Pedro Fernandez Cabrera
Maria Pais Moreira	Rafael Ferreira
Maria Rosa Pimentel Soares	Raul Santos
Maria Valentina Fernandes Dias	Rui Alberto
Minervina Lopes	Rui Barros Costa
Natália Ferreira	Rui de Castro Guedes Sextas
Olga Violante	Salvador Costa
Rachel de Moura Diniz	Sebastião Cardoso
Sarah Ramalhete	
Suzette Guedes Freire	
Violante Montanha	
Zita Valadares	



SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

BREVEMENTE APRESENTARÁ  
A  
SOCIEDADE CORAL DE LISBOA  
A  
«NONA SINFONIA»  
DE  
BEETHOVEN